

O MBL contra a imprensa

Se as pessoas não confiassem na imprensa, o furo sobre Temer não seria tão devastador

EUGÊNIO BUCCI
25/05/2017 - 16h21 - Atualizado 02/06/2017 18h13

Compartilhar

Assine já!

Circula nas redes sociais mais um vídeo institucional do Movimento Brasil Livre (MBL). O “movimento” em questão já é bem conhecido – ganhou projeção nos protestos de 2013 como a nova face da direita teen, ao defender com intransigência o impeachment de **Dilma Rousseff**. Agora, mais encorpado, já conta com alguns parlamentares, eleitos por partidos diferentes (como o PSDB e o DEM), e se dedica a fazer propaganda em causa própria.

Até aí, normal. É bastante comum, além de perfeitamente legítimo, que agremiações políticas façam publicidade de si mesmas. O detalhe que chama a atenção, nesse caso, é uma certa birra, uma implicância, um tom de ressentimento contra a imprensa. No vídeo de pouco menos de três minutos, são duas as menções desabonadoras contra o jornalismo profissional.

A primeira fustigada aparece logo aos 25 segundos. Depois de dizer que as manifestações de 2013 brotaram da iniciativa de apenas “quatro jovens”, o videoclipe cívico afirma que “a imprensa não deu créditos e líderes de oposição torceram o nariz” para a convocação das primeiras passeatas. Nesse momento, vemos na tela um close de **Aécio Neves** – com o nariz no lugar de sempre, vale registrar – seguido de outro close, de **Fernando Henrique Cardoso**, cujo nariz também não parece torto. A despeito da corretíssima adequação nasal de ambos os tucanos, eles estão ali, ao menos aparentemente, como representantes dos tais “líderes de oposição” que “torceram o nariz”.

A tese acerca dos opositoristas de nariz torto pode ser um tanto adunca, mas é irrelevante. A acusação difusa contra o jornalismo é mais grave. Como assim, “a imprensa não deu créditos”? Poucas vezes uma notícia teve tanto destaque no Brasil como as manifestações de junho de 2013. Do que se queixam, então, os “jovens” autoproclamados inaugurais?

A investida não fica só nisso. O vídeo avança. Imagens das multidões fantasiadas de bandeira nacional

servem de pano de fundo para um letreiro de exaltação: “Os quatro jovens transformaram-se em milhões espalhados em todo o país”. Nesse embalo, a propaganda anota que “a Lava Jato continuou e prende cada vez mais corruptos” e que “novos líderes surgiram e revolucionam a administração pública brasileira”. Entra em cena o rosto de **João Doria**, prefeito de São Paulo, ao lado de dizeres ainda mais peremptórios: “Eles (os “*novos líderes*”, claro) são atacados pela velha imprensa, mas isso não faz tanta diferença, pois as pessoas não confiam mais no velho jornalismo”.

O que querem dizer com “velho jornalismo”? Esta revista, esta aqui, seria “velho jornalismo” por acaso? O *Jornal Nacional*? O vídeo não esclarece. Eis aí o maior problema dos resmungos do MBL: são generalizantes. Como não especificam o que pretendem criticar, promovem uma desqualificação dos órgãos de imprensa em geral. Todos são tratados como aqueles em que “as pessoas não confiam mais”.

Em lugar de apontar um erro determinado, o que seria ótimo, o vídeo agride a instituição da imprensa como um todo – e erra feio. O jornalismo é cheio de falhas, mas, quando sabe se corrigir, mantém a confiança do público. Na quarta-feira, dia 17, tivemos mais uma prova disso. A gravação de uma conversa suspeitíssima entre **Michel Temer** e o dono da JBS, **Joesley** Batista, noticiada pelo jornal *O Globo*, deu início a um intenso debate sobre os rumos da crise. A sede do debate é a imprensa. Se as pessoas não confiassem nos jornais, não seria assim.

>> **Mais colunas de Eugênio Bucci**

Além de errado, o MBL está mal acompanhado em sua pregação anti-imprensa. Nos Estados Unidos, **Donald Trump** se declarou “em guerra” contra a mídia. Desde então, cada vez mais obcecado em combinar seus assuntos com os russos, não para de perder apoiadores. Quatro décadas antes, outro presidente americano, Richard Nixon, no auge do escândalo de Watergate, partiu para o ataque: “O inimigo é a imprensa”. Em agosto de 1974, renunciou.

No Brasil, a história se repete como paródia. José Sarney, em 15 de setembro de 2009, surtou: “A mídia passou a ser uma inimiga do Congresso, uma inimiga das instituições representativas”. **Lula**, no dia 18 de setembro de 2010, ameaçou: “Nós vamos derrotar alguns jornais e revistas que se comportam como partidos políticos. Nós não precisamos de formadores de opinião. Nós somos a opinião pública”.

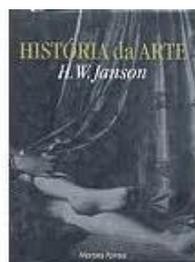
RECOMENDADO PARA VOCÊ

estante virtual



A História da Arte a partir de: R\$40 - Encontre aqui os livros

estante virtual



História da Arte a partir de: R\$80 - Encontre aqui os livros que

estante virtual



Norma e Forma a partir de: R\$39.90 - Encontre aqui os livros que...

estante virtual



História da Arte Brasileira a partir de: R\$11 - Encontre aqui os livros

R\$40

R\$80

R\$39.90

R\$11

Quase sempre, os detratores do jornalismo não toleram repórteres e odeiam os críticos porque querem esconder seus malfeitos. O MBL não deveria se confundir com eles. Em vez disso, deveria desistir dessa implicância infantil e conviver normalmente com as redações independentes. Quem não compreende a imprensa livre não sabe sonhar com um Brasil livre.